

Capítulo 1



O POLICIAL RICK CHANDLER PAROU a viatura em frente a uma residência pacata na rua Fulton e saiu com cuidado. Yorkshire Falls era uma cidadezinha no norte do estado de Nova York, com mais ou menos 1.725 habitantes. O índice de criminalidade era baixo em comparação ao das grandes cidades, e os cidadãos de lá eram bastante fantasiosos. Para se ter uma ideia, a última grande confusão tinha a ver com um ladrão de calcinhas, e o irmão mais jovem de Rick, Roman, por mais absurdo que pareça, era a pessoa de quem a cidade mais suspeitava que pudesse ter cometido o crime.

Lisa Burton, a mulher que telefonara para a polícia pedindo socorro naquela tarde, era uma professora ginásial não propensa a exageros nem medrosa, mas, apesar de não achar que havia problemas, Rick precisava se certificar disso. Com uma verificação preliminar dos arredores, concluiu que não havia perigo. Assim, entrou pelo jardim da frente e subiu os degraus de arenito azul. A porta estava bem fechada, e ele bateu com força. As venezianas da janela lateral se mexeram, e uns olhos desconfiados o espreitaram.

“Polícia”, anunciou ele. Ouvia o som das trancas sendo abertas, até que uma fresta surgiu na porta. “É o policial Chandler”, falou, mantendo a mão sobre a arma, numa atitude instintiva de precaução.

“Graças a Deus!” Ele reconheceu a voz da proprietária da casa. “Pensei que você nunca fosse chegar.”

A voz ofegante e rouca de Lisa não o surpreendeu. Mesmo com todo o seu conservadorismo de professorinha, Lisa, conforme acabou descobrindo, sentia atração por ele. Tentara levá-lo para a cama antes e, embora Rick quisesse acreditar que ela não telefonara desnecessariamente para a polícia, sua voz sedutora o deixou nervoso. “A senhorita informou que havia uma confusão?”, perguntou.

A porta abriu-se com tudo. Ele entrou na casa... de início, com cuidado, pois ela ainda não havia saído de trás da porta de carvalho maciço.

“Eu falei que precisava de uma presença policial.” Ela chutou a porta atrás dele. “Eu falei que precisava de você.”

Sua intuição dizia-lhe que não havia razões para procedimentos de defesa e, assim, tirou a mão de sobre a arma no coldre. Mas manteve-se cauteloso, e, ao respirar, seu instinto provou-se correto. Um odor pesado de perfume o rodeou, e todo o mecanismo de defesa masculino que possuía entrou em operação. Tossiu, engasgando com o que, acreditava, tinha a intenção de ser um afrodisíaco poderoso. Era realmente poderoso, mas a mulher que fizera o telefonema estava fadada a ser desapontada. A única coisa que seria acesa naquele lugar era a luz.

Ele apertou o interruptor na parede e, ao mesmo tempo, Lisa surgiu-lhe aos olhos. Devia ficar surpreso com a aparência dela, mas estava bastante calejado com os últimos acontecimentos. A professorinha de aparência sóbria transformara-se numa dominadora ousada. De suas botas de couro preto na altura do joelho ao bustiê apertado de couro, seus cabelos emaranhados, escuros e pervertidos, tudo isso dizia-lhe: “Possua-me agora, no chão, contra a parede, não importa”.

Rick balançou a cabeça. Apesar de já saber a resposta, tinha de perguntar. “Que diabos está acontecendo?”

Ela jogou os ombros contra a parede e ficou numa posição provocante. “Já devia ser óbvio. Você declinou as ofertas de todas as mulheres da cidade, incluindo as minhas. Mas vou mudar isso já. Apesar da minha profissão e de minha aparência comum, posso ser *bem* extravagante.” Ela apon-

tou sua unha pintada de vermelho na direção de Rick. “Deixe-me mostrar-lhe minhas aptidões.”

Uma sobranceira levantada foi o máximo de resposta que Rick conseguiu dar. E então deu uma boa e longa suspirada, certo de uma única coisa: sua mãe intrometida, Raina, estava por trás dos ataques seguidos e nada sutis de Lisa.

Raina incutira na cabeça de todas as mulheres a ideia de que seu filho do meio se estabeleceria apenas se encontrasse alguém especial, alguém que o mantivesse entretido. Lisa, como várias outras mulheres da cidade, obviamente levava a sério as palavras de sua mãe. Embora Raina estivesse certa ao pensar que Rick gostava de exclusividade, estava errada ao acreditar que ele voltaria a se casar, muito menos ter filhos. Dada sua experiência anterior no altar, sua mãe já devia saber disso.

Por que tentar se apaixonar e correr o risco de sofrer quando podia curtir a enorme quantidade de mulheres disponíveis, sem perigo de se magoar? Apesar de sua reputação de mulherengo ser um tanto exagerada, não havia como negar que gostava de mulheres. Ou pelo menos gostara... até o dia em que a população feminina de Yorkshire Falls resolveu iniciar um ataque em massa contra a sua solteirice.

“E aí, está pronto para me amarrar?” Lisa balançava um par de almas de veludo na sua direção.

Uma outra hora, um outro lugar, caramba!, uma outra mulher e talvez ele ficasse interessado pelos seus encantos. Mas com Lisa não havia química, e ele preferia a amizade dela aos seus dotes femininos. Cruzou os braços no peito e disse-lhe o mesmo que falara nas últimas duas vezes que ela se oferecera para ele, embora não de maneira tão aberta como naquele momento. “Desculpe. Não vou morder a isca.”

Ela piscou, um breve sinal de vulnerabilidade em seus olhos. “Está bem. Eu posso dar todas as mordidelas de que nós dois precisamos.” Ela sorriu, escancarando seus dentes brancos e dissipando, com suas palavras, qualquer ilusão de delicadeza que imaginava ter visto.

“Agora não, Lisa.” Ele esfregou as têmporas, que ardiavam. “Para ser honesto, nem agora nem nunca.” As palavras saíram-lhe com dificuldade.

Rick respeitava os sentimentos dela, apesar de suas ações predatórias. Afinal de contas, sua mãe criara-o para ser um cavalheiro. Mas ele podia apostar que nem mesmo Raina, com toda a pressão que fazia, previra a audácia das mulheres de Yorkshire Falls para chamar-lhe a atenção.

Se Lisa preferia couro a renda, ela sabia disfarçar bem. Além disso, ela devia saber que, com uma atitude grosseira como aquela, estava se arriscando a ser rejeitada. Assim como Rick sabia que, se suavizasse suas palavras, corria o risco de o ataque voltar a acontecer. Já acontecera antes, não apenas com Lisa. Outras mulheres, outros truques sem-vergonha. Era a terceira tentativa de sedução naquela semana.

Lisa deu de ombros e virou o rosto, obviamente mais envergonhada do que queria parecer. Porém, mais uma vez, recuperou-se, e, passando a língua sobre os lábios brilhantes, falou: “Um dia vou descobrir seu ponto fraco”.

Ele duvidava. Rick começou a dirigir-se para a porta, mas virou-se. “Gostaria que você soubesse que é ilegal ligar para o 190 a não ser que haja realmente um problema.” Ele devia anunciar isso no jornal, mas para que desperdiçar árvores e tinta se as mulheres não fossem dar a mínima? E por que se importariam, quando sua mãe determinada queria netos e não se preocupava com qual filho o fizesse primeiro?

“Te vejo nas aulas de educação contra as drogas lá na escola”, disse Lisa antes que ele fechasse a porta.

“Doidinha...”, murmurou.

Uma hora depois, quase no fim de seu turno, Rick aproveitava o tempo para redigir um relatório, omitindo detalhes importantes do último chamado. Não pretendia causar problemas para Lisa relatando o incidente de outra forma que não fosse como um falso alarme. Mas esperava que essa última rejeição servisse à professora como uma nova lição sobre telefonar para a polícia desnecessariamente.

Pegou um elástico e mirou num ponto do outro lado da sala. Um tempo atrás, achava divertidas as atitudes de sua mãe e sua miríade de mulheres; mas não mais. Precisava descobrir uma maneira de fazê-las desistir...

Caramba, se soubesse como... Estreitou o olhar e disparou. O elástico atingiu o alvo, uma foto de revista, rasgada, de um casal de noivos, todo feliz, pendurada numa tela na parede bege manchada. “Na mosca!”

“É melhor não deixar mamãe ver isso.”

Rick virou-se quando Chase, seu irmão mais velho, passou atrás dele, sentando-se à sua escrivaninha.

Chase riu, mas Rick não pareceu achar graça. A determinação de Raina era lendária. Nem mesmo os problemas cardíacos pareciam diminuir seu ímpeto. Não bastava ter casado o irmão mais novo, Roman. Não... agora, na sua jornada para ter netos, ela focara em Rick.

Chase era o verdadeiro solteirão, que já ajudara Raina a criar os irmãos mais novos depois da morte do pai, vinte anos atrás. Tendo cumprido sua obrigação familiar, fora excluído da maioria das tramoias casamenteiras da mãe... até aquele momento.

Rick não tivera a mesma sorte. “Pensei que mamãe ficaria bem ocupada com sua renovada vida social para se preocupar com a minha.”

Após um luto de anos, sua mãe começara a namorar. Um termo estranho para uma mulher daquela idade, pensava Rick. Mas era isso que ela estava fazendo: namorando o dr. Eric Fallon. A solidão dela fora uma preocupação dos três filhos, e Rick ficara muito feliz por ela ter conseguido superar isso. Também tinha esperanças de que ficasse tão ocupada com sua nova vida que deixaria de se intrometer na dele.

Chase deu de ombros. “Mamãe sempre encontra tempo para meter o nariz onde não é chamada. Veja quem ela está manipulando agora: o bom médico, para arrancar um filho de Roman e Charlotte”, disse, falando do irmão mais novo e sua nova esposa. “Além de controlar a sua vida social.” Ele pegou um lápis e girou-o entre as mãos.

Rick deixou os ombros cair, tentando aliviar-se da tensão após tanto tempo de patrulha.

“Pelo menos Eric a tem mantido ocupada”, falou Chase.

“Mas não o suficiente. Talvez seja hora de ela arrumar um emprego. Você podia oferecer-lhe um.”

“De quê?” O tom de voz de Case não escondia seu susto.

“Para mim, colunista de fofocas parece adequado”, brincou Rick, arrancando um sorriso do irmão também.

Mas Chase logo se recompôs. “De jeito nenhum vou trazê-la para cá. Se fizer isso, não vai demorar para ela começar a interferir na minha vida social também.”

“Que vida social?”, perguntou Rick, com um riso forçado no rosto. Chase era tão reservado, que Rick não podia perder a chance de aporrinhar seu irmão mais sisudo.

Chase balançou a cabeça. “As coisas que você não sabe sobre mim!” Um sorriso irônico surgiu em seus lábios ao mesmo tempo que cruzava os braços. “Para um tira, é incrível que você saiba de tão poucas coisas.”

“É porque você guarda tudo para si.”

“Isso mesmo!” Chase fez que sim com a cabeça, a satisfação emanando de seus olhos azuis. “Gosto de minha privacidade, e por isso voto para que mamãe continue focada na tua vida amorosa por mais algum tempo.”

“Ah, obrigado.” Falar de Raina lembrava Rick de suas tramoias e o fez recordar de seu último chamado do dia. “Tem visto Lisa Burton?”, perguntou ao irmão.

“Na Norman’s hoje pela manhã, tomando café. Por quê?”

Fez-se de desinteressado. “Só para saber. Houve um alarme falso na casa dela hoje à tarde.”

Chase animou-se, seus instintos jornalísticos obviamente entrando em ação. “Que tipo de alarme falso?”

“O de sempre.” Não havia por que contar a Chase que a professorinha naquele exato momento estava realizando um pouco de sadomasoquismo com seus ovos mexidos. Ela devia estar bastante envergonhada, e Rick não era do tipo que revelava suas aventuras sexuais. Chase ensinara-o a respeitar as mulheres, quer elas merecessem ou não. “Ruídos não identificados do lado de fora.” Deu de ombros. “O lugar estava seguro.”

“Devia ser algum animal.”

Rick aquiesceu.

“Ela lhe pareceu nervosa?”, perguntou Chase.

Rick balançou a cabeça. “De forma alguma.”

“Bom.”

“Falando em jantar...” Chase levantou-se.

“Mas eu não falei.”

“Bem, eu sim. Está pronto para irmos à casa de mamãe?”

O estômago de Rick resmungou, lembrando-lhe que estava com tanta fome quanto o irmão.

“Parece uma boa ideia para mim. Vamos lá!”

“Rick, espere!” Felicia, a telefonista, entrou na sala. “Há uma mulher num veículo parado na Rodovia 10, perto da entrada da cidade. Phillips acabou de chegar. Pode cuidar disso enquanto ele recebe as instruções para o seu turno?”

Rick aquiesceu. “Por que não?” Dessa forma, poderia adiar um pouco ter de lidar com a mãe e suas perguntas capciosas sobre sua vida social. Virou-se para o irmão. “Diga a mamãe que sinto muito e que estarei lá assim que possível.”

“Não vou contar para ela sobre esse sorrisinho em seu rosto ou do alívio que obviamente está sentindo por ter ganhado um adiamento. Mas, se houver uma mulher lá na casa de mamãe te aguardando, você vai me pagar”, falou Chase.

Felicia dirigiu-se até Chase, confiante e feminina, apesar do uniforme azul-marinho. “Saio daqui a cinco minutos. Me leve para a casa de sua mãe e eu te protejo das garras casamenteiras dela”, falou, dando uma piscadela com os olhos castanhos.

Rick observou, impressionado. Felicia tinha um bom coração, e um corpo ainda melhor, cheio de curvas e feminilidade por baixo das roupas. Nem mesmo um cego seria capaz de negar que ela era um arraso.

“E aí? O que você acha?”, perguntou ela a Chase.

Ele forçou um sorriso e pousou um braço nos ombros de Felicia, com os dedos arriscadamente próximos às curvas que Rick observara antes.

“Ora, você sabe que não posso levá-la comigo para casa, querida. As línguas ficariam soltas, e amanhã estaríamos na primeira página do *The Gazette*”, disse Chase, falando do jornal da cidade.

Felicia soltou um suspiro exagerado. “Você está certo. Bastaria uma noite com o Chandler mais velho para destruir minha reputação.” Levou a

mão à testa, num gesto obviamente dramático. “O que eu estava pensando?” Ela riu e então endireitou-se, arrumando a blusa. “Além disso, tenho um encontro. É melhor deixarmos Rick ir ver aquele carro enguiçado”, falou Felicia. “Nos vemos depois, Chase.”

“Até mais”, disse ele, e virou-se para Rick: “E é melhor você ir voando para a casa de mamãe, assim que puder”.

Rick balançou a cabeça. “Não se preocupe! Tenho certeza de que mamãe considera a casa dela um território neutro. Ela não tentaria arrumar uma para você enquanto estivesse por perto, pois correria o risco de sofrer as consequências.” Ele pegou as chaves da viatura.

“Tratando-se de mamãe, eu não ficaria tão sossegado”, alertou Chase.

Rick teve de reconhecer que seu irmão tinha razão quando, dez minutos mais tarde, se deu conta de que estava a caminho de mais um chamado de emergência para resgatar mais uma donzela em perigo. De acordo com sua experiência prévia, Rick desconfiava de que não seria uma parada de rotina, mas sim um golpe motivado por sua mãe.

Apesar do desconforto que crescia dentro dele, tinha de admitir que estava desapontado com a falta de criatividade. Até aquele momento, as emergências eram maneiras criativas de conseguir a atenção do policial Rick Chandler. Ficar sem combustível, se fora realmente isso que acontecera, estava bem baixo no *ranking* de criatividade.

Dirigiu até a periferia da cidade e andou até onde a motorista do carro vermelho-brilhante aguardava ajuda. Ao se aproximar, conseguiu ver uma renda branca cheia de babados que só podia ser um véu de noiva pendurado sobre a janela. Virou os olhos para o céu. Primeiro uma dominadora, agora uma noiva. O vestido reforçou sua suspeita de que estava prestes a cair num golpe. Noivas não apareciam do nada em Yorkshire Falls, e não havia nenhum casamento marcado para aquele dia na cidade. A loja de fantasias mais próxima ficava em Harrington, perto dali, e Rick não ficaria surpreso se essa mulher tivesse dado uma passadinha por lá antes.

Aparentemente era mais criativa do que ele tinha pensado, mas ela não o estudara bem. Rick Chandler adorava resgatar mulheres, mas uma

noiva, de qualquer tipo, era o que ele menos gostava. Da última vez que respondera a um pedido de socorro parecido, tinha terminado a faculdade e estava na polícia fazia dois anos. Uma de suas melhores amigas, uma garota de quem gostava muito, Jillian Frank, havia largado a faculdade porque ficara grávida e seus pais a tinham expulsado de casa. Rick agiu sem pensar duas vezes. Tinha aquela porcaria de sangue dos Chandler. A lealdade corria forte em suas veias, a necessidade de proteger ainda mais forte.

Começou dando a Jillian um lugar para morar, mas acabou casando-se com ela também. Ele planejara assumir o bebê e, assim, provera um lar para Jillian. Pensou que se tornariam uma família. Como sempre tivera uma queda por ela, mesmo antes de irem para a faculdade, praticar uma boa ação para uma amiga não fora algo tão difícil.

Apaixonar-se foi o desenvolvimento natural... para ele. Moraram juntos durante a gravidez dela, e ele baixou a guarda, entregando-se de corpo e alma – mas foi logo atropelado quando o pai do bebê retornou, algumas semanas antes do parto. Sua esposa, antes agradecida, foi embora, deixando Rick com os papéis do divórcio e mais sábio pela experiência.

Decidiu naquele momento que nunca mais entregaria seu coração a alguém, mas que tentaria se divertir e curtir a vida. Afinal de contas, era um homem que gostava de mulheres. Seu breve casamento não alterara isso. Para não ter de colocar num quadro de avisos que não pretendia se casar novamente, sempre deixava claros seus sentimentos para as mulheres com quem se envolvia. Essa suposta noiva era tão atraente para Rick Chandler quanto uma parede de tijolos.

Com uma mão na arma e a outra na janela aberta, inclinou-se. “Posso ajudá-la, senhorita?”

A mulher virou-se para ele. Seu cabelo ruivo tinha um tom único, e os olhos verdes eram os maiores que ele já vira. Talvez sua maquiagem nupcial tenha antes ficado perfeita, mas as lágrimas se misturavam ao rímel, borrando o rosto cheio de *blush*.

Algo nela parecia-lhe familiar, mas Rick não conseguia dizer o que era. Numa cidade pequena como aquela, conhecia a maioria das pessoas, mas

de vez em quando era surpreendido por alguém. “Imagino que o carro da senhorita esteja com problemas.”

Ela fez que sim com a cabeça e deu uma longa suspirada. “Será que o senhor não pode me rebocar?” Sua voz rouca parecia a de alguém que acabara de tomar um gole de uma bebida forte.

A vontade de descobrir o que havia sido a partir dos lábios dela o pegou de surpresa. Não apenas acreditava que estava protegido contra os encantos dessa mulher, como também não se deixara levar por nenhuma mulher ou tentativa de sedução desde que sua mãe começara a forçar um casamento. Porém, diante dessa suposta noiva tímida, começou a suar, sentindo um calor que não era causado pelo sol ardente de verão.

Olhou para ela com cautela. “Eu não consigo rebocá-la, mas posso telefonar para o Ralph e pedir para ele enviar o guincho.” Tentou se concentrar no problema do carro dela e não em seus lábios, que pareciam saborosos.

“Será que poderia me ajudar a sair daqui primeiro?” Ela estendeu-lhe a mão sem aliança. “Eu sairia sozinha, mas acho que estou presa.” Ouvia-se um farfalhar enquanto ela tentava sair do carro.

Rick ainda não tinha certeza de que se tratava realmente de uma mulher em perigo, e pesou os prós e contras. Uma noiva sem um casamento ou aliança não o inclinava a acreditar que se tratasse de uma ação de rotina.

Nada disso importava. Ela precisava sair da porcaria do carro. Rick abriu a porta e estendeu a mão. Ao sentir os dedinhos dela em sua palma, ficou bastante abalado. Não conseguia dizer o que sentia, mas quando aqueles olhos verdes surpresos e vívidos encontraram os seus, percebeu que ela sentia o mesmo.

Tentando afastar o desconforto, puxou-a em sua direção. Ela agarrou sua mão com mais força, mas ao se levantar cambaleou para a frente, caindo em seus braços abertos. Os seios volumosos esmagaram-lhe o peito, um perfume doce o envolveu, deixando-o desnortado, e seu coração assumiu um ritmo veloz e furioso.

“Porcaria de salto alto”, sussurrou ela em seu ouvido.

Ele não conseguiu conter o riso. “Sou um bom samaritano.”

Ela apoiou-se em seus ombros e se endireitou. Apesar de ela estar agora a uma distância que lhe permitia pensar com mais clareza, seu perfume

estava cravado em sua memória – uma fragrância que ficava ainda mais pura com o delicado vestido branco e a tiara empoleirada em sua cabeça.

“Obrigada pela ajuda, senhor policial”, falou sorrindo, e Rick percebeu que ela tinha covinhas dos dois lados.

“Não foi nada”, respondeu, mas mentia. Desejava nunca ter atendido aquele chamado de socorro.

Rick fora exposto a muitas mulheres em sua vida, e nenhuma jamais tinha mexido tanto com ele. E ele não entendia exatamente por que isso acontecera com *aquela* mulher.

Deixou seu olhar percorrer o corpo dela, numa tentativa de descobrir qual era o encanto. Certo, seus seios apontavam para cima de maneira sedutora sob o tecido ajustado do vestido. Grande coisa! Já vira seios antes. Caramba!, todas as mulheres que haviam tentado seduzi-lo ultimamente certificavam-se de deixar os seios bem à mostra, mas nenhuma o fizera sentir vontade de jogar para longe qualquer racionalidade e arrastá-la para o meio do mato a fim de fazer amor até o sol se pôr.

O corpo de Rick sentiu um arrepio com esse simples pensamento, e ele se forçou a voltar ao exame atento de suas várias qualidades. Passou para a boca sedutora. Os lábios dela estavam cobertos de *gloss* claro, formando uma boca naturalmente volumosa que gritava “beije-me”. E ele já tivera de admitir para si mesmo a fraqueza de realmente querer beijá-los.

A química, naquele momento, estava agindo com força total, e ele não podia negar que aquela mulher era a mais sedutora das iscas que sua mãe enviara. Quer dizer, isso *se* sua mãe a tivesse enviado. Será que não havia mais mulheres no estoque de Raina e ela acabara decidindo importar uma? Talvez fosse isso. Talvez o fato de ela ser nova na cidade, nova para ele, fosse o que o interessava, mesmo que se tratasse de um golpe de sua mãe.

“Há algo errado?”, perguntou ela, enrugando o nariz. “Você está me olhando como se nunca tivesse visto uma mulher vestida de noiva antes.”

“É algo que tenho tentado evitar.”

Ela franziu o cenho. “Solteirão convicto, né?”

Sem querer pensar no que ela acabara de dizer, decidiu que era hora de descobrir a verdade. “Precisa que eu a leve para a igreja?”, perguntou,

agindo como o policial de verdade que era, e não como o homem que ela deixara excitado.

Ela engoliu seco. “Nada de igreja, nada de casamento.”

Ou seja, se ela algum dia fora noiva, não era mais agora. Na verdade, provavelmente deixara algum pobre-coitado sentado na igreja aguardando por ela. “Nada de casamento? Mas que estranho! O noivo ainda está no altar?”

Kendall Sutton percebeu que o sensual policial de olhos cor de avelã a analisava com os olhos, de cima a baixo. Nunca vira antes um homem com sobrancelhas tão grossas e olhos tão bonitos. Ou pelo menos tão desconfiados.

Era óbvio que o homem ao seu lado acreditava que ela fugira instantes antes de dizer “Aceito”, e Rick não estava nem um pouco encantado com o caráter dela. Ela devia ficar ofendida. Mas, em vez disso, estava curiosa com o ceticismo dele. O que faria um homem tão bonito ver as mulheres com olhos tão desconfiados? Não sabia, mas por algum motivo inexplicável não queria que ele a visse de maneira negativa.

Ela fechou um pouco os olhos por causa do brilho do sol de fim de tarde, lembrando-se de como acabara ficando encalhada ali, de que poucas horas atrás estava no salão nupcial da igreja onde planejava se casar. Tentara se convencer de que a cintura do vestido estava muito apertada e de que fora o tecido que a deixara sem ar. Quando essa mentira não funcionou, tentou acreditar que voltaria a respirar bem assim que se acalmasse e conseguisse dizer “Aceito”. Estava mentindo para si mesma.

Seu casamento iminente a estava deixando sufocada. Voltara a respirar com frescor assim que ela e Brian cancelaram a união, bem no dia do casamento, e sem ficarem magoados por isso. Kendall encarou o policial que aguardava respostas.

Não era obrigada a gastar saliva com seu herói relutante, mas ela queria explicar. “Meu noivo e eu nos separamos amigavelmente.” Relatara os aspectos mais positivos dos acontecimentos daquela manhã, torcendo para que ele percebesse que ela não abandonara ninguém, nem quebrara voto algum.

“Tenho certeza que sim”, respondeu ele, passando a mão em seu cabelo cor de chocolate amargo.

Sua franja comprida caiu sobre a testa de uma maneira tão sensual, que foi impossível para Kendall ficar incólume.

“Mas então por que está chorando?”, perguntou ele.

Ela tentou esconder a umidade que enchia seus olhos. “É por causa do sol.”

“É mesmo?” Ele franziu o cenho e a estudou melhor. “Mas então de onde vêm as manchas de maquiagem ressecada no rosto?”

Observador, inteligente e *sexy*. Uma combinação poderosa, pensou Kendall. Ele conseguia ver além, e ela tremia apesar do calor que fazia.

Kendall suspirou. “Está certo, você me pegou numa reação tipicamente feminina. Acabei de ter uma crise de choro.” Mas ainda não sabia se fora uma reação atrasada à morte recente de sua tia ou alívio por não acabar enjaulada num casamento, ou mesmo ambos. De qualquer forma, sentindo-se aliviada, havia entrado no carro e saíra voando. “Sou impulsiva”, falou, rindo.

Mas Rick não riu.

Kendall sabia que devia ter esperado passar um tempo, se recomposto e então ido para o Oeste. Sedona, no estado do Arizona, era seu sonho, o lugar onde esperava ficar para sempre e aprender mais sobre a arte de criar joias. Mas, ainda sofrendo com a morte da tia, acabara indo para Yorkshire Falls, onde ficava a velha casa de sua tia, de onde tinha boas lembranças. O fato de ela poder ficar na residência da tia era uma vantagem, mas não fora planejado. Mesmo assim, devia ter ido para casa trocar de roupa antes de pegar a estrada.

Como o policial se mantivesse em silêncio, a boca de Kendall entrou em parafuso, seu nervosismo forçando-a a falar enquanto ele a escrutinava. “Minha tia sempre dizia que impulso nos leva apenas até o próximo ponto de ônibus. Meio profético, não foi?” Ela compreendeu sua situação: encailhada num vestido de noiva, apenas com algumas peças de roupa que usaria na lua de mel e com pouco dinheiro no bolso, a caminho da casa de sua falecida tia.

“Sua tia me parece bastante inteligente”, por fim falou Rick.

“Ela é. Quer dizer, foi.” Kendall sentiu um nó se formando em sua garganta. Tia Crystal morrera havia algumas semanas, na clínica de repouso

que Kendall fizera das tripas coração para pagar. Não que sua tia tivesse pedido alguma coisa. Ela é que quisera pagar. Havia apenas duas pessoas na Terra por quem Kendall faria qualquer coisa – sua tia e sua irmã de catorze anos. Ao longo do tempo, Kendall deixara de lado o rancor que sentia pela irmã caçula e passara a amá-la. Assim que terminasse de resolver as coisas da casa de Crystal, iria visitar Hannah na escola antes de ir para o Oeste.

O policial a observava com cautela, protegendo os olhos do sol. Rugas circundavam seus olhos cor de amêndoa, agora mais dourados devido aos raios do sol.

“E então?” Rick aproximou-se. Seu perfume masculino a rodeou, mais poderoso do que o calor do sol. “Vamos lá. Admita o real motivo de estar aqui, e podemos ir em frente.”

Ir em frente para onde? “Não sei do que você está falando.” Mas a adrenalina começou a correr com força em seu corpo.

“Ora, querida. Eu te resgatei. O que você achou que aconteceria em seguida?”

“Bem, cara, sei lá. Sexo no banco traseiro de sua viatura?”

Quando os olhos dele escureceram, parecendo que iam tropeçar, ela se deu conta da atração sexual que havia e desejou morder a língua por ter deixado escapar aquela observação sarcástica. Mas a honestidade a obrigava a admitir que sentia o mesmo. Kendall, na verdade, estava tentada a arrastá-lo para o mato e resolver tudo ali mesmo com ele. Embora fosse difícil aceitar, o policial a deixava excitada. Mais do que qualquer outro homem... nem mesmo Brian.

“Pelo menos, estamos tendo algum progresso. Então você admite que preparou uma armadilha?”

“Eu não admito nada. Para falar a verdade, não tenho a menor ideia do que você está falando.” Ela colocou as mãos sobre as coxas. “Então, diga-me, senhor policial, é assim que a elite de Yorkshire Falls recebe todos os recém-chegados? Com grosseria, sarcasmos e acusações veladas?” Ela nem esperou a resposta. “Se for, agora sim, consigo entender por que a população da cidade é tão pequena.”

“Nós somos bastante seletivos a respeito de quem deixamos ficar.”

“Ora, bom para nós dois, então, que eu não pretenda ficar muito tempo.”

“Por acaso falei que não queria que você ficasse?” Seus lábios contorciam-se num sorriso obviamente relutante.

Mesmo quando estava nos seus momentos mais sarcásticos, ou até acusatórios, sua voz gentil transbordava carisma. Sexo. Ela sentiu um calafrio.

Então molhou os lábios secos. Ela tinha de sair dali. “Por mais que odeie pedir algo a você, será que poderia me levar até a Rua Edgemont, 105?” Tudo o que podia fazer naquele momento era confiar no distintivo e na decência dele, e no seu próprio instinto sobre o homem, apesar da disposição dele.

“Edgemont, 105.” Seu corpo ficou rígido, obviamente surpreso.

“Foi isso que eu disse. Deixe-me lá, e você nunca mais me verá.”

“Isso é o que você acha”, murmurou.

“Como assim?”

Ele balançou a cabeça e resmungou algo baixinho. Então a encarou. “Você é a sobrinha de Crystal Sutton.”

“Sim. Sou Kendall Sutton, mas como...”

“Sou Rick Chandler.” Ele pensou em estender a mão para cumprimentá-la, mas obviamente temeu um novo contato e enfiou o punho dentro dos bolsos da calça.

Kendall não se apercebeu de imediato do que acabara de escutar, mas, quando o fez, seu olhar rapidamente o encontrou. “Rick Chandler?” Sua tia Crystall mantivera apenas uma amiga depois que Kendall a tirara de sua casa em Yorkshire Falls para a clínica de repouso perto de Nova York. Kendall ficou observando seu rosto lindo. “O filho de Raina Chandler?”

“Eu mesmo.” Mas mesmo assim ele não parecia muito feliz.

“Faz muito tempo. Uma eternidade.” Desde os dez anos de idade, quando passara uma longa e divertida temporada na casa de tia Crystall, antes de a artrite da velha senhora ser diagnosticada e de Kendall ter de ir embora. Ela tinha uma vaga lembrança de Rick Chandler, ou seria de algum dos irmãos? Deu de ombros. Como fora apenas uma temporada e ela tivesse apenas dez anos, não ficara amiga de ninguém na cidade, nem mantivera contato com ninguém desde que partira.

Partir era a sina de Kendall. Seus pais eram arqueólogos e viviam em expedições nos cantos mais remotos do mundo. Quando criança, ela dificilmente sabia onde estavam, e hoje se interessava tanto pelo paradeiro deles quanto eles pelo dela.

Kendall vivera com eles no exterior até completar cinco anos, quando enfim a mandaram de volta para os Estados Unidos, onde ela ficara se deslocando de lá para cá aos cuidados de vários membros da família. Ela sempre tentara entender por que seus pais haviam tido uma filha que não planejavam criar, mas o tempo que ficava com eles nunca foi suficiente para perguntar-lhes – até que Hannah nascera e seus pais retornaram para o território norte-americano, onde ficaram por cinco anos. Aos doze, quase treze, Kendall voltara a morar com eles, mas ainda não conseguia abrir seu coração para as pessoas que a haviam abandonado, retornando apenas devido ao bebê recém-nascido. A distância entre ela e os pais ficara ainda maior, embora não houvesse mais oceanos e continentes separando-os, e assim permaneceu até o dia em que partiram. Kendall tinha, então, dezoito anos, e precisara se virar.

“Você cresceu.” A voz de Rick a fez retornar para o presente. Um sorriso largo e charmoso dominava seus lábios.

Sem dúvida nenhuma, o homem tinha o seu charme. “Você também cresceu”, gaguejou ela, tolamente. E ficou um homem espetacular. Um com mais raízes na cidade em que nascera do que uma árvore. Ela não tinha a menor ideia do que era criar raízes, e um homem, sensual, que as possuísse significava problemas para uma mulher destinada a ficar vagando.

“A minha mãe sabe que você vinha para cá hoje?”, perguntou Rick.

Ela fez que não com a cabeça. “Foi mais uma decisão impulsiva.” Assim como seu cabelo, pensou ela, e apontou com a mão para as tranças cor-de-rosa.

Ele suspirou e pareceu relaxar um pouco. “Foi algo motivado pelo casamento cancelado?”

Ela aquiesceu. “Uma espécie de rejeição mútua.” Mordeu o lábio inferior e disse: “Nada aconteceu conforme o planejado hoje”.

“Nem mesmo o seu resgate?”

Ela deu um sorrisinho. “Foi uma experiência interessante, policial Chandler.”

“Foi mesmo.” Ele riu.

Sua voz grave e áspera mexeu com as entranhas dela, que ficaram quentes e desejosas.

“Veja, sei que pode soar estranho, mas será que podemos guardar os detalhes desse primeiro encontro para nós mesmos?” As bochechas dele ficaram rapidamente vermelhas, e vergonha era algo que ela duvidava que Rick Chandler sentisse com frequência.

“Basta me tirar desse calor infernal e me colocar numa casa com ar-condicionado, que prometo não dizer uma palavra.”

Ele ergueu uma sobrancelha. “Faz tempo que você não vem para a casa de Crystall, não é?” Não era uma pergunta, mas uma afirmação que ambos sabiam ser verdade.

Só Kendall sabia os motivos. Ela balançou a cabeça. “Faz anos. Por quê?”

Ele deu de ombros. “Você verá com seus próprios olhos. Tem alguma bagagem no porta-malas?”, perguntou.

“Uma maleta e uma pasta.” Com acessórios de banho e outras roupas de viagem. Ela suspirou. No momento, não podia fazer nada a respeito, mas depois precisaria ir comprar roupas para o dia-a-dia.

Rick apanhou as malas e as acomodou em seu carro antes de tocar em seu cotovelo, num gesto cavalheiresco – bem diferente do comportamento cínico que exibira até aquele momento.

Alguns minutos depois estavam a caminho. O suor corria pelas costas de Kendall, e o maldito vestido grudava em sua pele molhada. Apesar do ar-condicionado no carro, as rajadas de ar gelado pouco faziam para aliviar o calor intenso. Estar tão próxima de Rick Chandler fazia a temperatura dela levantar voo. Entretanto, ele aparentemente nem se importava com seus encantos.

Rick tornara-se seu guia turístico, indicando as paisagens, as poucas que havia naquela cidadezinha. Durante todo o tempo, mantivera uma distância respeitosa ao falar. Respeitosa demais, pensou ela, irritada.

“Chegamos.” Rick comentou que estavam na Rua Edgemont.

Ela ergueu a cabeça. De longe, a velha casa estava do mesmo jeito que ela lembrava: estilo vitoriano, com uma varanda em todo o entorno e um enorme jardim na frente. Um lugar onde tomara muito chás e tivera suas primeiras experiências com o desenho de adornos e joias, antes de a artrite da tia mudar tudo. Fora também ali que Kendall nutrira sonhos infantis de permanecer para sempre com a tia que adorava.

Mas a casa de Crystal fora temporária, assim como qualquer outra residência em que ficara, antes ou depois. E quando a tia tivera de mandar Kendall embora devido à sua saúde, ela aprendera a não investir muitos desejos e sonhos em uma única pessoa ou lugar. Mas, se aprendera bem tal lição, por que então sentia um doloroso nó em sua garganta naquele momento, enquanto escrutinava a casa dilapidada com seus olhos de adulta? Soltou um suspiro de frustração.

Rick estacionou o carro e virou-se para ela, com seu braço forte sobre o banco do passageiro. “Ficou um pouco deteriorada ao longo dos anos.”

“Isso é um eufemismo.” Ela forçou um sorriso. Não havia por que despejar seus problemas sobre o homem. Já fizera muito por ela. “Tia Crystal contou que havia alugado a casa. E como ela nunca me pediu para cuidar de nada durante a sua estada na clínica de repouso, mesmo que eu me oferecesse, imaginei que as coisas estavam indo bem. Acho que eu estava errada.”

“As aparências enganam. *Está* tudo bem. Depende do seu ponto de vista.”

E mais uma vez surgia aquele humor negro. Ela soltou uma gargalhada, adorando o que ouvia.

“Pearl e Eldin estão te esperando?”, perguntou ele.

“Os inquilinos?” Ela fez que sim com a cabeça. “Liguei para eles da estrada e disse que estaria na cidade, mas que ficaria num hotel. Eles insistiram para eu ficar na casa de hóspedes, no fundo.” Kendall queria acreditar que estaria menos destruída do que a casa principal. “Eu esperava vender a casa para *elas*.” Com as contas extravagantes da tia, Kendall precisava vender a casa no mínimo pelo preço de mercado; abaixo, de jeito nenhum.

Ela mordeu o lábio inferior. “Se chegarmos facilmente a um acordo, posso estar longe daqui em uma semana”, falou, com um falso otimismo.

Rick permaneceu em silêncio.

“Que foi?”

Ele balançou a cabeça. “Nada. Está pronta para entrar?”

Ela aquiesceu, dando-se conta de que estivera paralisada. Antes que conseguisse reorganizar as ideias, Rick estava ao lado da sua porta oferecendo a mão para ajudá-la a sair. Ela cerrou os dentes antes de tocá-lo, e então colocou a mão sobre a dele. Houve faíscas de eletricidade, agora mais carregada do que antes. Kendall não conseguia afastar o tremor, nem queria, mas ele aparentemente sim, pois logo lhe soltou a mão, deixando-a livre para ajustar o vestido e dirigir-se para dentro da casa.

Kendall foi andando pela entrada comprida. Seus saltos agulha ficavam se prendendo nas partes quebradas do asfalto, mas conseguiu permanecer em pé – até que, bem perto da varanda, o saltou prendeu-se no chão quente. Enquanto uma perna ficava para trás, seu corpo inteiro arremessou-se para a frente, uma situação que parecia destinar-se a ser uma queda de bruços sobre o piso duro.

Ela gritou e fechou os olhos, não querendo ver o que estava prestes a acontecer.